

**É De Sonho e é De Pó, é de Memórias e é De Vivências:  
uma narrativa sobre uma Casa Escolar Rural**

**It is of Dream and is of Dust, is of Memories and is of  
Living: a narrative about a Rural School House**

*Grasielly dos Santos de Souza<sup>1</sup>*

*Mirian Maria Andrade<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Com a intenção de disparar uma narrativa sobre a primeira década de funcionamento de uma Casa Escolar Rural (1961-1971) localizada no município de Bandeirantes, na região norte do Estado do Paraná, este artigo considera algumas memórias de pessoas que protagonizaram os caminhos percorridos por uma comunidade na procura por uma educação rural. Pautadas no referencial teórico metodológico da História Oral, realizamos entrevistas com professoras e ex-alunas da Casa Escolar Lourenço Ormenezze, que foram gravadas, transcritas e textualizadas. A partir de memórias verbalizadas nestes momentos de entrevista constituímos as narrativas dessas mulheres e as mobilizamos para escrever uma narrativa sobre a primeira década de funcionamento dessa escola, permitindo uma (re)construção da história da educação rural naquela comunidade, considerando aspectos como a estrutura da escola, o cenário, as práticas, as exigências das inspetoras de ensino, as funções das professoras, o material didático, as punições, a avaliação, a disciplina e a rotina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativas. Memórias. História Oral. Casa Escolar Rural.

**ABSTRACT**

In order to shoot a narrative about the first decade of functioning of a Rural School House (1961-1971) located in the city of Bandeirantes, in the North of State of Paraná, this article considers some memories and some experiences of people that carried out the paths taken by a community in the search for a rural education.. Based on the theoretical methodological reference of Oral History, we

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de Matemática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campi Cornélio Procópio/Londrina – UTFPR, Paraná, Brasil. E-mail: [grasiellysantossouza@yahoo.com.br](mailto:grasiellysantossouza@yahoo.com.br)  
[HTTP://orcid.org/0000-0001-6932-3754](http://orcid.org/0000-0001-6932-3754).

<sup>2</sup> Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, campus Rio Claro/Unesp – Rio Claro; professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Curitiba/UTFPR-CT, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [andrade.mirian@gmail.com](mailto:andrade.mirian@gmail.com)  
[HTTP://orcid.org/0000-0001-5004-6320](http://orcid.org/0000-0001-5004-6320).



conducted interviews with teachers and former students of the Lourenço Ormenezze School House, which we recorded, transcribed and textualized. Based on verbal memories in these moments of interview, we constructed the narratives of these women and mobilized them to write a narrative about the first decade of this school, allowing a (re) construction of the history of rural education in that community, considering aspects such as the structure of school, setting, practices, requirements of the teaching inspectors, teachers' functions, teaching materials, punishments, assessment, discipline and routine.

**KEYWORDS:** Narratives. Memories. Oral History. Rural School House.

## Introdução

Mobilizando documentos escritos e orais, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Licenciatura em Matemática<sup>3</sup>, e retrata um estudo sobre uma Casa Escolar Rural localizada na cidade de Bandeirantes, no norte do Estado do Paraná. Debruçamo-nos sobre o objetivo de escrever uma narrativa sobre a primeira década de funcionamento dessa escola (1961 -1971), onde buscamos re(dizer) uma história de um tempo, de um povo e de uma Casa Escolar.

Nossa pesquisa insere-se no âmbito da História da Educação Matemática e a temos entendido na esteira do que nos falam Garnica e Souza (2012):

A História da Educação Matemática visa compreender as alterações e permanências nas práticas relativas ao ensino e aprendizagem de matemática; dedica-se estudar como comunidades se organizavam no que diz respeito à necessidade de produzir, usar e compartilhar conhecimentos e como, afinal de contas, as práticas do passado podem – se é que podem – nos ajudar a compreender, projetar, propor e avaliar práticas do presente (p. 20).

Nesse sentido, o que temos buscado é problematizar um espaço escolar rural no qual professores de matemática atuaram, mas sem nos perguntar diretamente sobre práticas de professores de matemática, sobre ensino e aprendizagem ou sobre a formação de professores que atuaram na escola em tela.

Nosso objetivo de pesquisa toma um cenário mais amplo da escola e trazemos um olhar para o que foi uma escola isolada rural narrativamente por pessoas que a vivenciaram. Nisso vai se revelando como a Matemática, seu ensino e aprendizagem e a formação daqueles que a ensinavam participam dessa constituição e, ainda, pode contribuir para o estudo sobre escolas rurais e formação de professores no interior do Estado do Paraná, sobretudo na região conhecida como Norte Pioneiro<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Souza (2017).

<sup>4</sup> O Norte Pioneiro do Paraná reúne 46 municípios que são agrupados em cinco microrregiões: Assai, Cornélio Procopio, Ibaiti, Jacarezinho, Wenceslau Braz.

Deste modo, para a realização dessa pesquisa foram entrevistadas professoras e ex-alunas que vivenciaram, de alguma maneira, esse momento de implantação e os primeiros movimentos da Casa Escolar. Essas memórias, quando comunicadas, nos permitem (re)viver a Casa Escolar Lourenço Ormenezze na sua primeira década de funcionamento.

Não há registros oficiais ou, ao menos, não os encontramos no decorrer da nossa pesquisa, sobre as várias décadas de funcionamento desta escola. Poucas informações ilustram algumas poucas páginas do atual Plano Político Pedagógico da Escola (PPP)<sup>5</sup>. Nada, além disso, consta no acervo da própria escola ou no da Secretaria Municipal de Educação e nenhum representante desses órgãos soube nos explicar as ausências de registros e de documentação. Isso, também, nos lançou a um interesse em compreender mais sobre essa escola e em registrar o que viéssemos saber.

A História Oral é a metodologia de pesquisa que nos inspirou para a constituição desse trabalho, visto que, ao se trabalhar com memórias de pessoas, a História Oral permite uma abordagem para criar fontes a partir da oralidade e registrar essas narrativas orais por meio da escrita. Segundo Alberti (2005, p. 155),

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

Realizamos entrevistas de História Oral Temática, que foram gravadas, transcritas e textualizadas, seguidas de análise e interpretação para, enfim, disparar a nossa narrativa sobre a primeira década de funcionamento da escola. É, portanto, sobre o desenrolar desta pesquisa e seus resultados que tratamos na sequência deste texto.

### **Um pouco sobre as escolas rurais no norte do Estado do Paraná**

A vinda de migrantes de toda parte do Brasil à procura por um pedaço de terra para trabalhar e cultivar o café, especificamente no Norte do Paraná,

---

<sup>5</sup>Com o passar dos anos a Casa Escolar passou por modificações tanto em suas estruturas físicas como em sua nomenclatura de escola. Essa escola faz parte das experiências de escolaridade básica da primeira autora deste artigo, o que possibilitou o conhecimento dessa instituição escolar e o desenvolvimento da pesquisa. O interesse dessa pesquisa vincula-se a um objetivo maior das pesquisadoras de estudar as escolas rurais da Região do Norte Pioneiro do estado do Paraná.

proporcionou uma ocupação intensa na zona rural desta região, permitindo, assim, no início século XX, alguns debates sobre a expansão das escolas rurais.

Somente a partir da década de 1930 é que surgiram as primeiras políticas governamentais estaduais com vistas a levar a educação escolar ao campo, contudo essa trajetória não foi estável havendo diversas condições adversas. Um dos marcos para a educação foi a Constituição de 1934 que, pela primeira vez, estabeleceu o ensino rural como direito social e definiu um orçamento anual para a manutenção das escolas.

[...] à medida que a colonização foi ocorrendo no Norte do Paraná também foram sendo implantadas escolas para oferecer um mínimo de qualificação e educação para a população, e como esta estava em sua maioria no campo a criação e a construção de escolas rurais foi em grande escala (BAREIRO, 2007, p. 54).

Todo esse processo de colonização com o cultivo do café permitiu avanços no que diz respeito à construção de estradas e de cidades em toda região. Com a cultura do café e um grande número de pessoas vivendo na zona rural, a demanda por educação nesses espaços aumentou expressivamente. Nesse cenário a escola rural foi estruturada com tais finalidades:

A escola primária rural foi pensada como uma política estadual, por dois fatores: primeiro relaciona-se à demanda criada, à formação das novas gerações que pudesse garantir a riqueza do estado associada ao rural; segundo, civilizar a população que habitava no meio rural, ensinar não só a ler, escrever e contar, mas hábitos de higiene e valorização da vida no campo (SCHELBAUER; GONÇALVES NETO, 2013, p. 88).

No entanto, nem tudo foi sucesso. Muitas escolas não receberam os aportes necessários para as suas instalações, apresentando infraestrutura insuficiente e bastante carente, com a escassez de pessoal para dar suporte na administração e de materiais para a realização das atividades, apresentando condições mínimas de funcionamento.

Na região Norte do Paraná, em 1930, surgiram as primeiras escolas rurais, chamadas escolas isoladas, como uma tentativa de resolver os problemas sobre a educação no campo, com características próprias e uma estrutura precária. Havia, quase sempre, uma única professora lecionando para todas as turmas, o ensino era multisseriado e a falta de qualificação das professoras era um fator agravante nessas escolas isoladas, o que caracterizava um modelo alternativo na educação rural.

Sobre essa precariedade, Faria Filho (2000, p.30) destaca:

Produzia-se a representação da “escola isolada”, aquela que funcionava na casa dos professores e em outros ambientes pouco adaptados ao funcionamento de uma escola pública de qualidade, como sendo um obstáculo quase que intransponível à realização da tarefa educativa.

Para Carvalho (1989, p. 13),

[...] organizar o trabalho nacional era, sobretudo com o concurso de uma escola que disseminasse “não o perigoso conhecimento exclusivo das letras, mas a consciência do dever domiciliário”, fixar o homem no campo, de modo a conter os fluxos migratórios para as cidades e a vitalizar a produção rural.

Desse modo, as escolas rurais visavam não só ensinar a ler, escrever e contar, mas também as práticas de cultivo agrícola para manter a produção e fazer com que o homem ficasse no campo, diminuindo, assim, o êxodo rural.

Lourenço Filho descreve a escola isolada como:

[...] a escola de um só professor, a que se entregam 40, 50 e às vezes mais crianças. Funciona quase sempre em prédio improvisado. É de pequeno rendimento, em geral, pelas dificuldades decorrentes da matrícula de alunos de todos os graus de adiantamento, falta de direta orientação do professor, falta de fiscalização, falta de material, falta de estímulo ao docente. É a escola típica dos núcleos de pequena densidade de população, a escola da roça, a escola capitulada de “rural” (LOURENÇO FILHO, 1940, p. 658).

O professor era o grande responsável pela escola, além de lecionar as aulas, era responsável por múltiplas funções como merendeiro, faxineiro e diretor. Havia, portanto, uma sobrecarga de trabalho, o que dificultava não só a sua permanência na sala de aula como também o seu desempenho pedagógico.

Considerando a necessidade de melhorar a qualidade da educação ofertada para a zona rural, visto que as escolas isoladas apresentavam condições mínimas para a realização de atividades, o Governo, então, criou (entre os anos de 1940-1941) uma nova modalidade de escola: os Grupos Escolares, que visava uma nova concepção de escola rural onde trazia junto de si uma nova estruturação de ensino juntamente a uma inovação pedagógica. Segundo Lourenço Filho:

[...] toma o nome de “escolas-reunidas”, se poucas classes possui; de “grupo escolar”, se as mantém numerosas. Aqui, o prédio oferece melhores condições de conforto e higiene, mesmo quando adaptado. As classes apresentam, em geral, efetivo menos numeroso que o das escolas isoladas, e os alunos se distribuem por elas, segundo os respectivos graus de adiantamento. A um dos professores, seja sem regência da classe, ou também com encargos de ensino, entrega-se a responsabilidade do conjunto. O material é menos precário. Aí temos a escola comum nos meios urbanos (LOURENÇO FILHO, 1940, p. 658).

Os grupos escolares rurais propunham conteúdos específicos para o trabalho agrícola, novas tendências pedagógicas e ainda contavam com um diretor, responsável pela organização administrativa e pedagógica. A grande inovação foi ao invés dos alunos serem organizados todos em uma única sala de aula, como na escola isolada, eles foram distribuídos em classes segundo seus conhecimentos.

Nesse contexto das escolas rurais, no norte do Paraná, podemos notar que houve mudanças em relação ao cenário dessas escolas, tanto no meio pedagógico como em termos de instalações, mas todas essas mudanças não foram suficientes. Essa questão educacional rural continuou a ser debatida nas décadas seguintes.

### **A Casa Escolar Lourenço Ormenezze e os documentos oficiais**

Oficialmente, por meio de documentos oficiais, pouco se sabe sobre a Casa Escolar Lourenço Ormenezze. As poucas páginas do Projeto Político Pedagógico (PPP) dessa unidade de ensino sintetizam mais de cinquenta anos de atividades. O PPP foi o único documento encontrado por nós (por meio de consultas realizadas junto ao próprio acervo da escola e da Secretaria Municipal de Educação) e nos apresenta poucas informações daquele tempo, daquela Casa Escolar, de um povo, nos permitindo uma reconfiguração muito restrita daquele cenário. Informações que constam neste documento nos dizem de um bairro rural do pequeno município de Bandeirantes, na região norte do estado do Paraná, em 1961, em que o senhor Ricierre Ormenezze colaborava com a educação rural, preparando em sua propriedade um prédio que abrigaria a Casa Escolar Lourenço Ormenezze.

No atual PPP da escola está registrado, ainda, um contexto histórico em moderadas páginas e comentários gerais acerca da escola e da comunidade. Nos dão conta, por exemplo, que a escola funcionou, inicialmente, em um prédio de madeira com uma única sala de aula e junto da moradia da primeira professora. O ensino era multisseriado, isto é, uma única professora atendendo alunos de variadas idades e níveis escolares em uma única sala de aula. Com uma estrutura física pequena, e com condições precárias a Casa Escolar Lourenço Ormenezze atendia de 1ª série até a 4ª série do Ensino Fundamental, tendo uma única Professora, chamada Neiva. A escola atendia alunos que moravam por todo o seu arredor, a maioria desses alunos era filho de agricultores.

A Escola continua funcionando no período matutino e vespertino. No período matutino funciona como Escola Rural Municipal Ricierre Ormenezze - Ensino Infantil e Ensino Fundamental, atendendo em torno de 50 alunos. No período vespertino,

como Escola Estadual do Campo Lourenço Ormenezze, atendendo em torno de 34 alunos distribuídos de 6º a 9º anos, porém o ensino não é mais multisseriado<sup>6</sup>.

### **História Oral: uma escolha teórico metodológica**

Ao mobilizarmos a metodologia de pesquisa História Oral nos valem, também, de depoimentos de pessoas que vivenciaram, de alguma forma, os acontecimentos em relação ao nosso objeto de estudo para, assim, compreendê-lo e lançar uma possível interpretação para ele. Para tanto, isso envolve a necessidade de encontrar colaboradores, de elaborar roteiros de entrevistas, de realizar as entrevistas, de transcrevê-las e de textualizá-las, legitimando as narrativas disparadas a partir das gravações orais. Implica, ainda, na produção, assinatura e arquivamento das cartas de cessão de direitos dos colaboradores e, por fim, produzir uma análise a partir das narrativas criadas. Segundo Garnica (2003),

A História Oral pauta-se nos depoimentos orais recolhidos das pessoas particularmente significativas para o problema focado pelo pesquisador, centrando-se mais especificamente em um conjunto limitado de temas – distintamente do que se faz, por exemplo, na História Oral de Vida, outra modalidade desse mesmo método, que pretende abarcar as experiências vivenciadas pelos depoentes, por eles relatadas sem a imposição prévia de limitantes ou temas específicos. Pretende-se, na História Oral, reconstruir “aspectos” da vida dos entrevistados, auscultar partes de experiências de vida, em recortes previamente selecionados pelo pesquisador (GARNICA, 2003, p. 32).

A narrativa produzida a partir da entrevista de cada colaborador pode auxiliar na compreensão do tema, assim é fundamental cuidar do roteiro de entrevista de modo que ao dispará-lo o pesquisador possa conseguir informações relevantes e que o ajude no seu objetivo em relação ao objeto de pesquisa. Nosso trabalho nos permitiu perceber a importância da elaboração desse roteiro para que este possibilite ao colaborador melhor organizar as suas lembranças para comunicá-las. Então, o roteiro tem, também, por finalidade auxiliar para que o colaborador não se afaste demais do tema central e guiá-lo de modo que narre sobre o tema abordado. O roteiro não é algo fixo que o pesquisador precisa seguir rigorosamente. É importante que o momento da entrevista seja agradável e tranquilo, para que o colaborador sinta-se a vontade para dizer, para lembrar e para comunicar. De acordo com Meihy e Holanda (2007):

A entrevista de história oral é sempre um processo dialógico, isto é, que demanda a existência de pelo menos duas pessoas em diálogo,

---

<sup>6</sup> Essas informações são do ano de 2017.

porém não se trata de uma conversa e sim de relação programada, atenta às gravações. Assim, os contatos humanos premeditados, se colocam como imprescindíveis à elaboração da história oral. Não se produz, contudo, história oral por vias indiretas, como por telefone ou internet, por exemplo (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 19).

As narrativas são o cerne da pesquisa, elas carregam um conjunto de possibilidades de análise, que, segundo Garnica (2014, p. 52-53), são “[...] veículos para expressão de subjetividades, recursos para a manifestação de memórias (passadas e presentes) e vetores para compreender a experiência vivida”. Elas sempre trarão à tona marcas, sensações e estarão repletas de sentimentos, por isso, os passos que seguem após a entrevista deverão ser acordados com os colaboradores.

Na sequência de uma entrevista, alguns procedimentos são necessários para dar continuidade à pesquisa, tais como, transcrição, textualização e a análise. A transcrição acontece logo após a realização da entrevista, trata-se de um procedimento demorado e rigoroso. É o momento em que o pesquisador se debruça sobre a gravação do áudio do colaborador e transcreve para a linguagem escrita, mantendo os vícios de linguagem, os vazios, sinalizando momentos de risos e de outras emoções, mantendo as particularidades de dialeto, conservando no texto escrito as marcas da oralidade.

Após proceder com a transcrição se faz necessária a textualização, que trata-se de um modo de apresentar a transcrição com uma maior fluência de leitura, já que muitas vezes, o texto, quando apresenta a entrevista transcrita, pode ser de difícil leitura e de difícil compreensão. A textualização configura-se como um momento de edição da transcrição, onde se faz uma “limpeza” na escrita, mas se mantém as características da fala do depoente. Para isso, o pesquisador pode reelaborar as falas de forma que julga pertinente a leitura e até reestruturar a transcrição (mudança de ordem de fala) mas sempre tentando manter os pensamentos do colaborador. Para Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 236), “não há regras para textualizar e essa operação depende, fundamentalmente, da sensibilidade e do estilo de reação do pesquisador”. Após a textualização é usual que o colaborador receba o texto e faça a leitura e é neste momento que ele apontará se deseja modificar algum trecho do texto.

Desta forma, a fonte constituída a partir dessas negociações não é mais a entrevista, nem a gravação e nem a transcrição. O que se tem nesse momento é a fonte constituída em coautoria entre pesquisador e colaborador. A partir do momento que o colaborador se reconhece nesse texto da textualização, ele pode assinar a



carta de cessão de direitos, cedendo os direitos autorais da entrevista para o pesquisador.

O momento de análise ocorre, em todo tempo, desde o momento inicial da pesquisa, na elaboração de um roteiro, na procura pelos colaboradores, porém, esse momento fica mais evidente quando se tem a narrativa constituída por meio da textualização e na produção de um texto a partir de toda investigação. Os momentos de análise servem para tecer caminhos para compreender o que se busca responder ou o que se quer compreender. Neste momento, a análise dependerá das compreensões de cada pesquisador e, neste sentido, várias narrativas podem ser disparadas a partir de um mesmo conjunto de narrativas.

Segundo Garnica, existem duas formas de sintetizar a análise:

[...] buscando nelas elementos comuns para que categorias sejam formadas e (re)interpretadas (essa a análise paradigmática de narrativas) ou destacando as singularidades de cada história, o modo particular com que cada narrador se mostra, ao narrar uma e narrar-se numa sequência de argumentos (essa a análise narrativa de narrativas). São possíveis, portanto, elaborações analíticas em dois planos: o da regularidade e o da singularidade (GARNICA, 2012, p. 344-345).

Assim a interpretação final pode se dar como uma trama narrativa em que se apresenta a composição de cada textualização. Neste trabalho, então, a História Oral permitiu estudar a implantação e o desenvolvimento de uma Casa Escolar Rural, sob o ponto de vista de quem vivenciou a primeira década de funcionamento dessa escola.

### **O caminho das entrevistas...**

Foram entrevistadas cinco interlocutoras que haviam vivenciado e participado, de algum modo, da primeira década de funcionamento da Casa Escolar. Chegamos nesses nomes por meio de conversas com algumas pessoas que ainda moram no bairro Ormenezze<sup>7</sup> ou, ainda, por indicação dos primeiros entrevistados (usando o critério de rede que tem-se mostrado um meio interessante de se trabalhar com vidas entrelaçadas em torno de um mesmo tema).

Nossas depoentes foram as professoras Neuza Augusta de Oliveira Delgado<sup>8</sup>, que lecionou na Casa Escolar de 1962 – 1971. Neuza foi a segunda<sup>9</sup> professora a

---

<sup>7</sup> Bairro Ormenezze: localizado na zona rural do município de Bandeirantes é onde se encontrava o primeiro prédio da Casa Escolar Lourenço Ormenezze.

<sup>8</sup> Os nomes das entrevistadas são verídicos e todos os depoentes nos cederam os direitos do uso das entrevistas por meio das cartas de cessão de direitos. Tais cartas encontram-se em nosso arquivo e uma cópia de cada uma delas foi anexada à versão final do relatório da pesquisa.

lecionar na Casa Escolar, visto que a Casa Escolar foi fundada em 1961. Dedicou anos de sua vida trabalhando na escola, foi ela quem se empenhou para construir os caminhos da educação rural naquela comunidade. Sentimos a necessidade de realizar duas entrevistas com esta professora (uma 26 de julho e outra 12 de outubro de 2017). Iolanda Fernandes Garcia foi professora da Casa Escolar no período de 1970 -1974, realizamos a entrevista com ela no dia 02 de outubro de 2017 e levamos em consideração apenas os primeiros dois anos de atuação da professora Iolanda (1970 – 1971), visto que, nossa narrativa pretendia abranger apenas a primeira década de funcionamento da Casa Escolar.

Foram entrevistadas, também, as ex-alunas Maria Rosa de Oliveira e Lídia Rosa de Paula Guerra, ambas estudaram na Casa Escolar no período de 1969-1971. As entrevistas com elas foram realizadas no dia 17 de julho de 2017. A também ex-aluna, Deise Aparecida Fogati Castelani, estudante da Casa Escolar no período de 1969 -1970, foi entrevistada no dia 22 de julho de 2017.

A partir de um roteiro, previamente estabelecido e previamente enviado às colaboradoras, essas entrevistas foram gravadas e, conseqüentemente, transcritas e textualizadas. Cada entrevista gerou uma textualização, considerada por nós como uma narrativa. As colaboradoras receberam a textualização da sua respectiva entrevista, fizeram a leitura e os apontamentos que julgaram necessários, até que se chegasse à versão que nos foi cedida para usar na pesquisa, por meio de assinatura das cartas de cessão de direitos. Este conjunto de 5 narrativas é o que disparou a escrita da nossa narrativa sobre a primeira década de funcionamento da Casa Escolar.

Em cada narrativa das nossas colaboradoras foi possível perceber um olhar sobre a instituição de ensino com uma dinâmica específica. Essas versões da história da Casa Escolar que estavam guardadas nas memórias das colaboradoras, vivências que foram lembradas, lembranças de episódios constituídos por lutas, dramas, risos, em suma, momentos que esboçaram um cenário da escola e foram considerados para disparar a nossa narrativa sobre a Casa Escolar. Para o que buscamos com esse artigo, apresentamos a seguir uma narrativa possível sobre a Casa Escolar Lourenço Ormenezze.

---

<sup>9</sup> A primeira professora que lecionou na Casa Escolar, Neiva Ormenezze, já faleceu.

## Escola simples, gostosa, mesmo com as coisas difíceis: uma narrativa<sup>10</sup>

O que eu digo não é inovador, porque já disseram antes de mim, mas é novo e original no sentido de que sou eu quem, a partir do ouvido, seleciona e organiza. Um mesmo conjunto de retalhos pode formar colchas diferente, únicas (SOUZA, 2011, p.166)

*“Senti muito de deixar aquela escola, me doía a alma inteirinha, em deixar todo mundo, deixar todas aquelas crianças... escola simples, gostosa, mesmo com as coisas difíceis porque não tinha nada certo, até a cozinha não era própria, mas eu era muito apegada aquela escola! Então é uma saudade que me marcou muito e marca até hoje, eu lembro da escola e deles, parece que estou vendo aquela escada que subia, aquela sala cumprida, tenho boas lembranças, tudo era bom!”* (professora Neuza).

Foto 1: Pais e Alunos reunidos em frente a Casa Escolar Lourenço Ormenezze no ano de 1965. Ao alto da escada a professora Neiva parece dirigir a palavra tendo como base algo nas mãos.



Fonte: Acervo da escola.

Á beira de uma estrada grossa de poeira, ao lado de uma venda, bem ali entre as árvores querendo crescer, de frente a uma igreja, em meio a uma paisagem totalmente bucólica, se encontrava uma simples e modesta Casa Escolar. Uma comunidade que vivia da agricultura, que uniu forças para construir essa escola, em meio a tantas dificuldades à procura de uma educação para seus filhos. Sr. Ricierre Ormenezze, um agricultor e dono da tão famosa venda do bairro, foi uma importante pessoa que fez com que a educação formal chegasse ali.

Havia outras duas escolas em bairros rurais vizinhos, mas eram muito longe para as crianças estudarem, e se os pais as matriculassem nessas outras escolas,

<sup>10</sup> Durante a narrativa, todas as vezes que aparecerem trechos entre aspas e em itálico, eles se referem aos recortes das textualizações das entrevistas dos depoentes. As textualizações de cada entrevista estão disponíveis, na íntegra, em Souza (2017). Os trechos serão seguidos da referência ao colaborador: trecho da entrevista com a professora Neuza, por exemplo, será indicado apenas por “professora Neuza”.

as crianças teriam que percorrer um longo caminho a pé para chegarem ao destino. Assim os sitiantes do bairro conversaram com o Sr. Ricierre Ormenezze e foi implantada a Casa Escolar em sua propriedade. *“Era uma comunidade muito unida”* (professora Iolanda).

Um pequeno terreno doado para a construção da escola, sem luxo, apenas trazia junto de cada tábuia de madeira a esperança para aquela comunidade, uma educação para todos. *“Que na verdade foi construída uma casa onde foi morar a Neiva<sup>11</sup> que era filha do Sr. Ricierre Ormenezze. Nessa mesma planta deixaram um salão onde era a sala de aula”* (professora Neuza). O nome da escola foi uma homenagem de filho para o pai. De madeira, com um porão, forrada e com vitrô, era assim a Casa Escolar e *“naquela época uma escola que tivesse vitrô e que fosse forrada, era muito moderna”* (professora Neuza). Não havia muro ao seu redor, era cercada de árvores e o chão era tudo terra, sem varanda. Tinha uma escadaria alta que levava até a porta de entrada e ao chegar à porta uma única sala de aula. Era uma escola que dividia espaço com a moradia da primeira professora, Neiva Ormenezze.

Escola essa, que tinha uma única sala de aula e uma cozinha no porão, nada mais! Uma sala de aula com carteiras duplas, um quadro negro, um pequeno armário lá no fundo, bem à frente do quadro a mesa da professora que suportava um candelabro, ao lado, um filtro de água de barro. *“A sala de aula era bem completa”* (professora Neuza). Assim era a tão desejada escola, onde os filhos dos agricultores que moravam ali por perto iam todos os dias estudar, sem faltar um dia sequer, pois desistir dos estudos não era uma opção a ser considerada. Todos os dias estavam ali, *“podia estar chovendo ou não, podia estar muito quente, fresco, muita poeira, sem poeira, eles iam todos”* (professora Neuza).

Assim como nos aponta a literatura (CAPELO, 2013) os prédios escolares rurais muitas vezes eram simplesmente uma adaptação de uma casa disponível na região, cedida pelo proprietário rural, para ser utilizada como escola. Os trechos descritos acima nos evidenciam, em especial nessa Casa Escolar, o importante papel desempenhado pela comunidade para a construção da escola e a sua estrutura também se assemelha com o que descreve a literatura: uma escola de madeira e uma única sala de aula. Essas memórias nos revelam, também, que a expansão do número de escolas no estado do Paraná não foi apenas mérito do

---

<sup>11</sup> Neiva Ormenezze foi à primeira professora da Casa Escolar.

Estado e das políticas públicas, mas também da efetiva procura pelo saber sistematizado pelos moradores das zonas rurais e das suas próprias formas de organização para conseguir sua implantação e manutenção.

Com um ensino multisseriado, ter 50 alunos numa única sala era a grande dificuldade para as professoras naquela época, *“eu dividia a sala assim, por fileiras de carteiras”* (professora Iolanda), cada fileira uma série, de 1ª a 4ª séries naquela sala estudavam, *“a gente dividia os quadros para passar os exercícios. Usávamos muito o quadro”* (professora Neuza). Não havia energia elétrica e nem água encanada. As disciplinas que ensinavam eram Matemática, Português, Conhecimentos Gerais, Religião e cuidados com a horta. *“O ensino era bom, mesmo com toda dificuldade”* (aluna Maria Rosa).

Com a colaboração de todos a escola funcionava. *“As crianças que iam procurar lenha, acendiam o fogão e ajudavam bastante. Nossa! e como ajudavam! É por isso que falo: eu tenho saudades daquela época”* (professora Neuza). Os pais ajudavam muito, sempre presentes nas atividades, apoiando a professora, ajudando os filhos com os deveres mesmo diante de todas as dificuldades daquela época. *“Um fato marcante da Escola, sem dúvidas são os pais, eles eram muitos participativos”* (professora Iolanda).

Para lecionar na Casa Escolar, ser professora não bastava, tinham que encarar outras funções como, merendeiras, faxineiras, diretoras e enfermeiras, *“na época era bem dificultoso, a gente era mãe, era tudo”* (professora Neuza). As professoras tinham formação básica em magistério, mais nenhuma outra formação, pois não precisava de muito estudo, o que precisava mesmo era coragem e amor: coragem para lecionar todos os dias diante de todas aquelas dificuldades e amor para que tudo desse certo.

Não havia formação continuada ou orientações pedagógicas para as professoras. Havia apenas algumas reuniões que eram mais para recados. *“Nós professores que tínhamos que nos virar e buscar as orientações”* (professora Iolanda). Conversavam entre elas na busca de novas atividades para os alunos, como fazer e como ensinar, diante do pouco recurso o jeito era improvisar. *“Muitas coisas que eu aprendi no colégio, eu aplicava nas aulas, as crianças adoravam”* (professora Neuza).

As professoras ensinavam com dedicação, mesmo com as dificuldades que passavam na época. O diálogo com os alunos sempre prevalecia, ensinavam um pouquinho de tudo, desde as contas de Matemática até as cartas de Português e

ainda tinham os questionários de Conhecimentos Gerias, as aulas de Religião eram muito importantes e os cultivos na horta também. *“Eles tinham que saber contar, ler e escrever, esse era nosso objetivo!”* (professora Iolanda), conforme dos aponta a literatura, as atividades nas escolas isoladas eram centradas na tríade escrever-ler-contar e hábitos de higiene (SCHELBAUER; GONÇALVES NETO, 2013).

Para que os alunos apreendessem, tudo que se achava nos arredores da escola era utilizado, ensinar Matemática com sementes, com grãos ou com qualquer outra planta que estivesse caída pelo chão, era uma tecnologia da época, números, contas de adição e subtração, a matemática ensinada dessa maneira era uma evolução. *“No caso de diminuir, por exemplo, era nove, eu colocava nove grãos depois ia tirar quatro desses nove, aí as crianças manuseavam”* (professora Neuza).

Nas aulas de Português, começavam com o alfabeto, depois disso iam juntando as letras, formando as sílabas e as palavras surgiam. Sempre que possível eram feitas atividades diferenciadas, como teatro de fantoches: *“As atividades das crianças, eu adorava demais. Fazia teatrinhos de fantoches com as crianças”* (professora Neuza).

Bem antes de a aula começar, já era possível encontrar todos lá, a professora e as crianças chegavam cedo para procurar lenha, acender o fogão e preparar a merenda; ir até ao poço, com um balde, para buscar água. Todos ajudavam como podiam para tudo funcionar bem. *“Era gostoso! Parecia aquela história da formiguinha”* (professora Neuza). Corroborando Lourenço filho (1940), o professor era único responsável pelo funcionamento da escola, o que acarretava um acúmulo de funções para o professor. Este, além das atribuições da docência, tratava das matrículas, de toda parte administrativa da escola, da manutenção de materiais e também da limpeza. Salientamos que há alguns pontos que emergem das memórias que não são notabilizados pela literatura, como as atividades realizadas pelos alunos para ajudar a professora nos cuidados com a escola, nos cuidados com a limpeza da escola e ajuda para fazer as merenda.

Das cartilhas da 1ª série até os livros da 4ª série, que vinham do governo e a prefeitura distribuía para as professoras, nada as professoras escolhiam, as atividades da sala de aula, tudo era planejado com diário de classe, tudo feito pelas professoras e revisado pela inspetoria de ensino. *“O ensino era bom, mesmo com toda dificuldade que a professora tinha para ensinar quatro séries juntas, eu acho que nós aprendíamos mais, porque havia respeito com o professor”* (aluna Maria Rosa).

Sem uma diretora presente todos os dias na escola, apenas de 15 em 15 dias, sem hora marcada, de surpresa, era possível ver a inspetora de ensino chegar. Ela vinha da cidade, de carro, fazia uma visita seguida de vistoria e logo partia para visitar outras escolas. Na vistoria tudo era olhado, os cadernos de cada aluno, um por um, o diário de classe da professora, a higiene da sala de aula e a dos alunos. Muito se cobrava da professora, não eram aceitos cadernos sujos ou com beiradinhas dobradas, as famosas orelhas dos cadernos eram inadmissíveis. *“Se tivesse algum dever que eu passei e que não tivesse feito a correção, ela me chamava a atenção”* (professora Neuza).

O diário de classe era uma preocupação, tanto para a professora, quanto para a inspetora, sem ele nada se fazia. No diário, tudo era registrado. Inúmeras atividades, desde os exercícios de matemática até os questionários de conhecimentos gerais. Nada podia ser repetido, nada podia ser inventado, tudo deveria ser retirado dos livros e da cartilha, seguindo o planejamento. *“Por exemplo, hoje vou dar uma aula de matemática, aí você pensa um pouco e inventa um probleminha ali na hora. Não podia!”* (professora Neuza).

Para ensinar, o material didático era escasso, muito se tinha que improvisar, as professoras criavam os materiais possíveis para os alunos aprenderem, do simples grão ou semente para aprender a contar até os fantoches e teatros para desenvolver a leitura e a imaginação. Tudo era passado no quadro e os alunos copiavam em seus cadernos. Muitos dos alunos não tinham condições de comprar um simples caderno, então eram as professoras que doavam. O discurso sobre o material didático das escolas rurais sempre foi abordado com ênfase na literatura e aparece nos relatos das depoentes, sempre retratando a precariedade de suas condições e apontando tanto os materiais didáticos e pedagógicos como a organização da escola como uma réplica empobrecida da escola urbana (CALAZANS, 1993).

A iniciativa de ensinar Religião foi disparada pela professora Neuza. Preparar aquelas crianças para a primeira comunhão era visto como uma missão, dada a orientação religiosa da comunidade ser praticamente de ordem católica. *“Então tudo aquilo que achávamos que era bom para as crianças, nós íamos implantando na escola, e aumentando o ensino, era muito bom!”*(professora Neuza).

Havia dever de casa todos os dias, os alunos levavam e no outro dia traziam de volta, tudo respondido, para a professora verificar. *“Se não soubesse ficava de castigo! O castigo era ir à frente ao quadro, às vezes tinha que ficar de joelho no*

*milho ou em pé perto da professora*” (aluna Deise). Mas as crianças sabiam que não podiam brincar com essas obrigações, e sempre faziam os deveres para levar no outro dia. A professora sempre reconhecia o esforço das crianças para estudar. *“Eles traziam todos os dias, mesmo com as dificuldades de casa. Eu não tenho do que reclamar.”* (professora Neuza).

Havia uma horta para todos na escola. Era o momento de ensinar o cultivo da terra e de como cuidar das verduras. Tudo era bem organizado e os pais participavam fazendo os canteiros para as crianças plantarem. Plantavam de tudo um pouco, depois era só regar, cuidar e colher. As verduras eram usadas na merenda das crianças. *“As crianças plantavam as mudas, sempre orientadas por nós, as crianças cuidavam, aguavam, era gostoso! Era muito bom!”* (professora Neuza).

Na escola havia uma rotina a seguir. Todos os dias, antes de começar a aula, lá fora, em frente à escadaria, todos em fila, do menor para o maior, tinham que cantar o hino nacional e *“eu olhava a fila e via todas as cabecinhas deles certinhas, não tinha um para um lado e outro para o outro, era tudo certinho”* (professora Neuza). *“Logo após entrarem para a sala, todos bem comportados, sem correria ou falação, aquela boa oração não podia faltar” Entrávamos para a sala em fila e cada um ficava ao lado da sua carteira, em pé, rezávamos e só depois é que eles sentavam em seus lugares”* (professora Neuza). Os alunos são caracterizados como sendo disciplinados e esforçados, homem do campo, “selvagem domesticado” e dócil. Essa caracterização também foi apontada nos estudos realizados por Leite (2002).

Os alunos e a professora iam para a escola de segunda–feira até o sábado. Após a aula do sábado, as crianças tinham que ajudar a professora com a limpeza da sala de aula. No sábado, também, as professoras ajudavam a cuidar das crianças para as mães trabalharem. *“Algumas crianças, que não tinham condições, e as mães trabalhavam na roça, nós ajudávamos a cuidar, no sábado depois da aula e até no domingo”* (professora Neuza). A Casa Escolar também funcionava no período da noite e era a professora Neuza que lecionava, mesmo sem energia elétrica. A noite era especial, pois era a hora da alfabetização de jovens e de adultos. Acendiam um lampião a gás em cada canto da sala e ali acontecia a aula. *“Ficava bem clarinho, naquele tempo tudo que íamos fazer, tínhamos que parar e pensar, como vai ser melhor, e o que vou fazer para dar certo. Éramos nós mesmos que tínhamos que pensar e fazer”* (professora Neuza).



Nas palavras das colaboradoras, o final do ano era bonito de ser ver, aquelas crianças que mal sabiam pegar no lápis, agora sabiam escrever e diante daquelas dificuldades todos saíam alfabetizados. Era o orgulho da professora, o objetivo tinha sido alcançado. No final do ano havia a aplicação das provas de avaliação final e quem as aplicava eram as inspetoras de ensino, ou seja, não era uma avaliação preparada, e corrigida pela professora que ensinara aqueles alunos durante o período letivo. Os alunos faziam prova oral e prova escrita, de Matemática e de Português. A prova escrita era dissertativa, não havia questões de múltipla escolha. A avaliação de Conhecimentos Gerais era oral. *“Então, tinha que estudar muito para poder passar!”* (aluna Deise). A professora não se cabia de alegria ao ver as crianças todas sendo aprovadas nos exames. *“Graças a Deus, não tinha reprovação. Nossa aprovação era ótima”* (professora Neuza). A questão da reprova era algo importante. Não ter reprova era uma alegria para a professora, sinal de dever cumprido. Para as professoras era um mérito não ter nenhum aluno reprovado, consideravam que era um reconhecimento que se tinha diante do município. Todos ficavam sabendo e quem tinha uma turma inteira aprovada era homenageada. *“Então, eu vi um rendimento, aquele primeiro ano que não sabia nem pegar no lápis, chegar ao fim do ano à diretora vir falar que ninguém reprovou, não deu para acreditar! Foi uma loucura! Aquilo pra mim foi coisa de outro mundo!”* (professora Neuza).

Ser professora diante de todos esses obstáculos não era fácil, era interpretar e assumir todos os papéis que compunham a educação naquela época para poder, no final, alcançar o objetivo principal que era a alfabetização, ser criativo, usar a imaginação, lidar com o pouco material, se desdobrar em mil e fazer mil coisas acontecerem. As professoras sabiam o quanto era importante ensinar e esperavam, sempre, o reconhecimento de todos. *“Ser professora naquela época, ter esse título de ser professora, nossa! Era o auge. Era respeitada por todos, pelos pais de alunos, vereadores, alunos. Nos chamavam de professora, não era pelo nosso nome, era professora! Era muito bom! A gente se sentia maior que as outras, um valor maior, por ser professora”* (professora Neuza).

Quantas histórias e memórias... A Casa Escolar Lourenço Ormenezze deixou saudades por quem ali passou, seja aluno, seja professor, cada um guardou um fato marcante da sua vida, que essa escola retratou. Hoje ao lembrar-se daquela simples Casa Escolar, os sentimentos de reviver, os risos, os dramas, as tramas e até as lágrimas fazem renascer, diante da memória de cada um, o modo como cada

um protagonizou a sua história na Casa Escolar. Apenas um sentimento igual por todos que narraram: a saudade, que não cabe no coração na hora de contar cada episódio e haja emoção em cada uma das vozes que pudemos ouvir. *“Eu me lembro da escola e deles, parece que estou vendo aquela escada que subia, aquela sala cumprida, tenho boas lembranças, tudo era bom!”* (professora Neuza).

No caminho da aprendizagem, ali naquele bairro da zona rural, onde todos unidos lutaram para conquistar o direito ao acesso à educação formal, foi preciso muita vontade e colaboração, muito trabalho e cooperação. Foi preciso doação e muito mais que a doação de um pedaço de chão, a doação de um terreno para subir aquelas paredes. Foi preciso viver aquele espaço, aquela Casa Escolar. E viver aquele tempo e aquele espaço, num mesmo tempo e num mesmo espaço, pertenceu a cada um, nas suas respectivas maneiras de fazer tudo aquilo acontecer. Memórias que nos dizem muitas coisas. Narrativas que contam e nos lançam para além das linhas que se transcrevem sobre o papel. *“Foi Maravilhoso! Eu era muito apegada àquela escola! Senti muito de deixar aquela escola, aquela turma, me doía a alma inteirinha, em deixar todo mundo. Mas foi tudo muito bom. Ai se eu pudesse voltar tudo de novo, eu voltaria!”* (professora Neuza).

Um tempo, um povo, uma venda, uma Casa Escolar... memórias que criaram essa narrativa.

### **Algumas Considerações...**

Considerando as memórias das depoentes por meio de seus relatos nos foi possível interpretar e escrever uma história sobre essa Casa Escolar, por meio da escrita dessa narrativa. Tratar dessa escola rural na sua primeira década de funcionamento, revisitando o passado por meio das lembranças de quem protagonizou essa escola, nos permitiu algumas inquietações no sentido de como tudo era realizado.

Das memórias escolares emergem um passado educacional de raízes pluriculturais, que abrangem diferentes elementos da escola isolada rural, que assume características de um movimento que ressalta os sofrimentos vividos e romantiza o passado educacional atribuindo à educação formal rural um status salvacionista para a época, permeavam a aquisição do conhecimento escolar, em um período em que ser portador de um mínimo desses saberes significava ascender a um status social. Portanto, a escolarização, ainda que mínima, era considerada como um diferencial importante.

Em relação à organização na sala de aula são ressaltados, também, mecanismos de resistência ao poder instituído que não pode deixar de ser considerável na prática educativa: as punições de uma época, os rituais de civismo, o controle dos corpos que nos faz pensar que tudo naquela época funcionava devidamente, as prescrições, obrigações e controles, e ainda o olhar que as famílias tinham sobre a escola (lugar de aprender as letras e números, mas também lugar de obediência) e sobre a professora (autoridade!). Dessa forma, todo espaço escolar se convertia em ambiente educativo, moralizante e civilizador, pondo-se, também, como um espaço de submissão.

A organização escolar, revelada nas narrativas, compunha-se, também, pela rigidez quanto ao cumprimento dos horários, da distribuição de tarefas e da relação entre alunos e professora. As narrativas ressaltam a introdução de processos padronizados de avaliação escolar, em que a professora não preparava as provas, essas já vinham prontas das inspetorias de ensino, cujas visitas eram permeadas por tensões e exigências. Isso nos leva a questionar a autonomia que era dada àquelas professoras. Elas tinham autonomia para ensinar e zelar pela escola, mas não eram autorizadas a avaliar seus alunos. A avaliação dos alunos confunde-se, por vezes, com a avaliação do trabalho das professoras. Quem tinha uma turma toda aprovada era reconhecida e até homenageada!

As narrativas permitem que saltem aos nossos olhos as orientações dadas pelos inspetores de ensino e que os professores tinham que cumprir; traços que marcam a defesa ao patriotismo (ao cantar o hino nacional todos os dias antes que a aula iniciasse); as exigências quanto à ordem (formação das filas para entrar em sala de aula e para cantar o hino); o respeito aos professores (e, às vezes, até um sentimento de medo conforme aparece em praticamente todas as entrevistas, tanto das alunas como as das professoras); questões de higiene (sempre havia as vistorias); o controle dos corpos (ao se colocar de castigo e ao se exigir que, quando sentados, os alunos deviam permanecer com os pés debaixo das carteiras e as filas sempre bem organizadas para entrada e saída da sala de aula).

Nos relatos das professoras é notório o destaque dado à dificuldade e às condições desfavoráveis para se ensinar naquela época. É claro, também, que atuaram com muito esforço para promover e contribuir para o acesso à educação naquela comunidade. As falas nostálgicas das professoras, sobretudo, se referem à características de uma escola que funcionava, mesmo que para isso houvesse bastante imposição. Mas funcionava como? Percebemos que há sempre um jeito de

se dizer que naquela época as coisas (na escola) eram melhores do que agora. Melhor em que sentido e para quem? As falas das alunas, também nostálgicas, nos remetem mais a pensar sobre como muitas dessas coisas eram aceitas e nem sempre questionadas. Em tudo é possível perceber uma impressão ou uma alusão de que o ensino naquele tempo funcionava porque havia, de todos os lados, obediência, aceitação e quase nunca questionamentos.

São, portanto, indagações que podem nos render variadas e interessantes reflexões sobre a primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze e disparar novas e outras narrativas...

## Referências

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

BAREIRO, E. Políticas educacionais e escolas rurais no Paraná 1930-2005. Maringá: UEM, 2007. 107f. Dissertação (mestrado em Educação para Ciência). Programa de Pós-88. Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática, Universidade Estadual de Maringá.

CALAZANS, M. J. C. Para compreender a educação do Estado no meio rural - traços de uma trajetória. In: Jacques Therrien e Maria Nobre Damasceno (coords.). Educação e Escola no campo. Campinas, Papirus, p. 11 – 32, 1993.

CAPELO, M. R. C. Educação, escola e diversidade no meio rural. Londrina: Eduel, 2013.

CARVALHO, M. M. C. de. A Escola e a República. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G. Os Tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. In: Revista Brasileira de Educação, nº.14, 2000.

GARNICA, A. V. M. Momentos de julgamento que são um esquadrilhar de perspectivas para compor possíveis compreensões In TEIXEIRA, I. A. de C.; PAULA, M. J. de; GOMES, M. L. M.; AUAREK, W. A. (ORG). Viver e Contar: experiências e práticas de professores de matemática – Ed. Livraria da Física. São Paulo. Coleção Contexto da Ciência. p.331-347. 2012.

GARNICA, A. V. M; FERNANDES, D. N; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. Bolema. Rio Claro, p. 213-250. 2011.

GARNICA, A. V.M. Cartografias contemporâneas: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil – 1.ed. Curitiba: Appris, 2014.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: Revista Zetetiké, pp. 9-55, vol. 11, n. 19, Janeiro/Junho, 2003.

GARNICA, A.V.M.; SOUZA, L. A. D. Elementos de História da Educação Matemática, Coleção PROPG Digital (UNESP). 2012.

LEITE, S. C. Escola rural: urbanização e políticas públicas educacionais. São Paulo, 2002.

LOURENÇO, FILHO. Alguns aspectos da educação primária. Revista Brasileira de Estatística, Rio de Janeiro, out.-dez. 1940, n. 4, p.649-664.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. Editora Contexto, 2007.

SCHELBAUER, A. R; GONÇALVES NETO, W. Ensino primário no meio rural paranaense: em foco as escolas de trabalhadores rurais e de pescadores entre as décadas de 30 e 50 do século XX. In: Cadernos de história da educação. Vol. 12, n1, p.83-107, jan/jun. 2013.

SOUZA, G. S. Memórias da primeira década de funcionamento da Casa Escolar Lourenço Ormenezze: uma narrativa. Trabalho de Conclusão de Curso- Licenciatura em Matemática. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 89f. 2017.

SOUZA, L. A. Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar. 2011. 420f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2011.

Submetido em: 04 de Abril de 2018.

Aceito em: 07 de Abril de 2020.

